

É com emoção e orgulho que recebemos a magnífica homenagem da Associação do Ministério Público, ao distinguir SÉRGIO DA COSTA FRANCO com o nome de seu Memorial, que dirijo, em colaboração com os colegas Hornung, Lisbôa, Rigoni, Weschenfelder e a historiadora Luciana de Oliveira. Falo nessa condição e em nome da família, do Sergio, do Miguel, do Fernando, do Cesar, meus irmãos, das noras e genro, dos 3 bisnetos, dos 11 netos, e da Isabel, também Promotora de Justiça.

O ato é singelo, bem do feitio do pai e daqueles quem educou. Discrição, seriedade, contrição ao trabalho, desassombro com a pompa e a ostentação eram características dele. Não gostaria que arrolássemos a sua obra, embora o cerimonial (ou a Presidência) tenha feito a gentileza de a nomear.

Na crônica Memória', em 1986, dizia ser **"ridículo andar de curriculum vitae no bolso, para mostrá-lo como cartela de propaganda. Mas que havia ("há") um certo prazer em guardá-lo nas gavetas, livre de manchas e de traças, para que o vissem ("vejam ") filhos e netos, que nos continuam"**.

Mas o nome escolhido expressa 94 anos de trajetória singular.

Os que conheceram o pai sabem de sua admiração e trabalho pelo Ministério Público, de sua intensa atividade intelectual, do criterioso estudo da historiografia rio-grandense, do longo percurso pelo jornalismo de opinião.

Sergião, como o chamávamos carinhosamente em casa, colocou a alma no que fez. Viveu intensamente a atividade de Promotor de Justiça. Curtiu a vida interiorana, integrou-se nas comunidades. Conquistou amigos. Estudou as origens dos municípios, chegou a escrever ensaio histórico sobre Soledade, e, em crônicas, também a lembrou, junto com Quaraí, Encantado, Erechim e Porto Alegre, as Promotorias de sua atuação.

Preocupou-se com os destinos do Ministério Público, batalhou pela ampliação das suas atribuições legais, afirmação de garantias e prerrogativas. Sugeriu vários caminhos, alguns de relevância. Defendeu a Instituição na imprensa escrita, deixando

inúmeros registros. As crônicas, a contar de 1969, constituem uma viagem no tempo, nos costumes e valores da época. Falam do MP e sua evolução, exaltam colegas e a atividade, tocam temas afetos ao Direito, lembram deliciosas histórias vividas à frente das Promotorias, o que todos experimentamos, cada um a seu tempo. A enorme produção literária deu-se principalmente após aposentadoria, em 1977, depois de 20 anos de atividades ministeriais.

Teve vida e participação associativas, especialmente ao tempo do Dr. Euzébio Cardoso da Rocha Vieira, biênio 1974-1976. Foi Diretor do Departamento Cultural e assessor direto da Presidência.

O pai era um tipo calado, distraído, jeito tímido, mas tinha posições firmes, juízo crítico acirrado, sensibilidade social. Integro, franco e autêntico, granjeou algumas incompreensões, embora número significativo de admiradores. Liberal, sabia ouvir, admitia o diálogo, a controvérsia de opiniões e a revisão dos conceitos que emitia.

Bastante homenageado em vida, motivo de satisfação, recebeu afagos de diversos setores da sociedade. Mas, seguramente, jamais imaginou ter o seu nome à frente de um Memorial, dedicado a preservar a herança associativa e a enaltecer o trabalho dos colegas.

Creemos que a Associação do Ministério Público, por meio de sua Diretoria, não poderia ter pensado em gesto tão cheio de significados:

Ao servidor público, que gostaria de ser lembrado como Promotor de Justiça, conforme e expressou ao jornalista Nilson Souza, numa de suas últimas entrevistas;

Ao historiador, zeloso das fontes primárias, que ajudou a preservar a memória da comunidade rio-grandense, em especial, a história da cidade de Porto Alegre;

Ao cronista, que durante mais de 10 anos, na Voz da Serra, em Erechim, no Correio do Povo e na Zero Hora, na Capital, enfrentou os temas do cotidiano, com graça e objetividade;

Ao pai, presente e afetivo, companheiro, contador de histórias coração mole e lágrima frouxa, que soube conciliar com maestria seus múltiplos afazeres;

Só poderia nos orgulhar a generosidade da escolha do nome do Memorial - dentre outros de colegas também brilhantes. Na crônica "CORPORAÇÃO", em 23 de junho de 1987, na Zero Hora, enfatizou:

"Uma instituição não se faz num dia, nem é obra de uma só pessoa ou de um só período administrativo. Ela resulta do trabalho acumulado e estratificado de várias gerações de obreiros".

Por isso, a homenagem a **SÉRGIO DA COSTA FRANCO** estende-se a todos os associados, que deram o melhor de si na construção do Ministério Público Gaúcho e da Associação, nos seus 82 anos de existência.

Encerro, trazendo um conselho paterno: **"Porque somos uma classe de cavaleiros andantes, afeitos a investir sozinhos contra muralhas e sem contar com a simpatia ou com a bajulação de ninguém, precisamos fazer-nos fortes na solidariedade classista. Nosso clube deve ser a nossa segunda casa, cheia de efervescência e vida".**

Muito Obrigada.